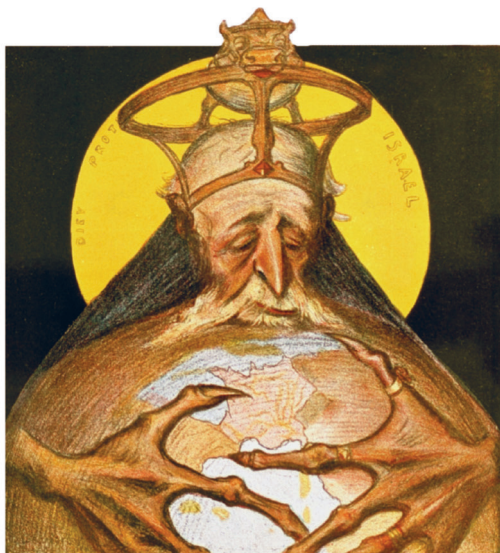


Dez Mitos sobre os judeus

Maria Luiza Tucci Carneiro



PREFÁCIO

Kabengele Munanga

Æ
Ateliê Editorial

Sumário

<i>Mensagem da B'nai B'rith do Brasil</i> – Abraham Goldstein	9
<i>Prefácio</i> – Kabengele Munanga	11
<i>Introdução</i>	15
Fontes promotoras do mito.	23
DEZ MITOS SOBRE OS JUDEUS	
Mito 1: Os judeus mataram Cristo.	43
Mito 2: Os judeus são uma entidade secreta	75
Mito 3: Os judeus dominam a economia mundial.	97
Mito 4: Não existem judeus pobres	133
Mito 5: Os judeus são avaros	147
Mito 6: Os judeus não têm pátria	167
Mito 7: Os judeus são racistas	201
Mito 8: Os judeus são parasitas.	215
Mito 9: Os judeus controlam a mídia.	233
Mito 10: Os judeus manipulam os Estados Unidos . . .	245
<i>Representação do mito</i>	267
<i>Fontes</i>	275
<i>Bibliografia</i>	281
<i>Sobre a Autora</i>	293

M E N S A G E M D A
B ' N A I B ' R I T H
D O B R A S I L

O livro elaborado pela historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro demonstra como são possíveis e sobrevivem, ao longo de séculos, os mitos entre nós, seres humanos, que nem sempre colaboraram para a convivência harmoniosa entre partes da nossa sociedade, tanto brasileira como mundial. Segmentos interessados na discriminação e na exclusão de certos grupos étnicos, políticos e sociais, têm reciclado estes mitos prejudicando a coexistência entre os povos.

“Conhecê-los é o melhor passo para superá-los.”

Esta é a mensagem divulgada pela B'nai B'rith do Brasil que, através dos *Dez Mitos sobre os Judeus*, investe contra a circulação dos discursos de ódio que se apropriam destes mitos para manter em circulação o antissemitismo.

A B'nai B'rith do Brasil, fundada em 1843, instalou-se em São Paulo, Brasil em 1932. Hoje está pre-

sente em mais de cinquenta países, com representação, como ONG, na Organização das Nações Unidas, na Organização dos Estados Americanos, no Mercosul e na Comunidade Europeia. Sobreviveu a muitos momentos de intolerância e destruição, sabendo sempre, com determinação e sabedoria manter e praticar os seus valores fundamentais.

Defendemos os Direitos Humanos, mas sempre acompanhados da responsabilidade do cumprimento dos Deveres para uma coexistência pacífica e harmoniosa em sociedade.

Acreditamos na Liberdade e Democracia que se sustenta, prolifera e floresce se cada cidadão ou cidadã estiverem adequadamente educadas e aculturadas reconhecendo o valor da diversidade tanto cultural como humana.

Por isso, nos preocupamos e agimos em consonância com as premissas fundamentais do Judaísmo que são TZEDAKÁ – justiça social e TIKUN OLAM – atuação por um mundo melhor para todos.

Abraham Goldstein
Presidente da B'nai B'rith do Brasil

P R E F Á C I O

O livro *Dez Mitos sobre os Judeus*, de Maria Luiza Tucci Carneiro, é, começando pelo seu título, bastante sugestivo. Embora a palavra breviário faça alusão ao livro do Ofício Divino, livro de leituras e preces cotidianas, utilizado por religiosos e clérigos da Igreja Católica, não é disso que se trata, pois o breviário de Tucci Carneiro contém dez dos mais popularizados mitos sobre os judeus do mundo. Mas não se enganem, pois não estão em questão os mitos positivamente construídos pelos próprios judeus em torno de sua união e identidade religiosa. Trata-se de mitos criados por “outros” numa visão preconceituosa e depreciativa, e, mais do que isto, com intenção acusatória e condenatória. São mitos construídos para reificar e atualizar os sentimentos de discriminação, hostilidade e ódio que remonta à noite dos tempos. O que está por trás desses mitos não é a intenção de se aproveitar deles para

contar a história dos horrores ou para pedir penitência pelo ocorrido no processo de construção do antijudaísmo e do antisemitismo; pelo contrário. Os mitos retratados pela autora nos transportam, através de sua rica análise, ao coração da função política e ideológica dos mesmos. O que justifica sua constante atualização não apenas na atualidade e cotidianos brasileiros, mas também no plano mundial.

Como escreveu o antropólogo funcionalista B. Malinowski, o mito é uma espécie de mapa sociológico. Ele expressa, salienta, codifica as crenças e dita as regras de conduta aos membros de uma sociedade. Podemos detectar no interior de cada um dos dez mitos elegidos pela autora três planos de realidades possíveis. No primeiro plano, que se situaria na estrutura política da sociedade, o mito oferece o modelo informativo e o modelo exemplar da conduta social. Quem matou Jesus foram os judeus (modelo informativo). O que fazer com os assassinos de Jesus? Perdoá-los e amá-los como o próprio Jesus recomenda ou detestá-los e persegui-los? As histórias da Inquisição ibérica e das cruzadas me parecem desmentir a ideia do perdão cristão! Já que a “pertinência nociva” dos judeus está submersa em seu sangue, daí a ideia da limpeza de sangue, recomenda-se no plano da conduta social redobrar a atenção e o cuidado em nossas relações cotidianas com “esse” povo. No segundo plano do mito,

encontramos as ideias e as crenças, sendo o mito uma estratégia política. Ao afirmar que os judeus são uma entidade secreta, o mito evoca a ideia de conspiração e de ameaça constante à paz mundial e alerta o mundo para o perigo que essa entidade, como outras sociedades secretas, pode provocar na vida de nossas sociedades. O mito os acusa e condena pelo mesmo crime de suas queixas na história da humanidade e consequentemente os joga no vale comum de todos os racistas do mundo. Ao afirmar que os judeus manipulam os Estados Unidos, logo um país considerado como imperialista e o mais poderoso do nosso mundo contemporâneo, o mito exalta a periculosidade dos judeus não apenas no âmbito nacional dos países onde são cidadãos, mas também no plano internacional, já que, além de manipular a nação mais poderosa do mundo, eles dominam a economia mundial e controlam o poder das mídias. No terceiro plano, o mito dita as regras de conduta, de acordo com o interesse de seus criadores, visando à educação, ao relacionamento entre judeus e não judeus, entre seres humanos e instituições.

De modo geral, os dez mitos comentados e analisados no brevíário de Maria Luiza Tucci Carneiro convergem e nos lançam um convite para penetrar na dramaturgia de um povo, em sua história negativamente poetizada e ajuda-nos a perceber uma dimensão da realidade humana: a importância da fun-

ção simbolizante da imaginação. Escrito num estilo atraente, linear e acessível, este breviário nos embala numa leitura instigante, chamando sempre a atenção sobre a função política desse conjunto de dez mitos por ela escolhidos. Os judeus não são os únicos sujeitos/objetos de mitos em nossa sociedade, salienta a autora: as mulheres, os indígenas, os ciganos, os negros e os homossexuais são também objetos de mitos e das piadas que, mesmo contadas de maneira lúdica, não deixam, apesar dos risos relaxantes, de nos transportar ao mundo simbólico cujos efeitos políticos e ideológicos não devemos minimizar.

Kabengele Munanga

SÃO PAULO, 2014

Os Judeus Mataram Cristo

O mito diz que “os judeus mataram Jesus Cristo”, sendo esta uma das tradicionais acusações que integram o breviário do antissemitismo cristão e popular. Esta expressão jamais deixou de se manifestar nos países católicos por tradição. A verdade é que tal acusação serviu, inicialmente, aos propósitos dos pioneiros do Cristianismo, interessados em forjar a imagem maligna dos judeus, alimentando o medo capaz de deformar a realidade.

Ao transformar os judeus em assassinos de Cristo, os eruditos cristãos tentavam abafar as dúvidas lançadas pelos judeus quanto à natureza terrena de Jesus, ao caráter ilusório de sua ressurreição e de que ele não era o tão esperado Messias.

Ao longo dos séculos, o mito de que “os judeus mataram Cristo” foi sendo reafirmado e renovado por outros mitos que, a partir do século XII, contribuíram para fortalecer a ideia do “perigo judaico” e gerar crenças populares preconceituosas. Tais hostilidades tiveram o seu apogeu no período posterior às Cruzadas e a partir da instalação da Inquisição ibérica, momento em que a Igreja Católica fortaleceu seu discurso de “unidade da Cristandade” na luta contra os hereges. Durante a Idade Média, por exemplo, a população deu crédito à lenda do assassinato ritual de uma criança celebrado anualmente durante a Páscoa,

à profanação das hóstias e, no início do século xv, à acusação de que os judeus envenenavam os poços. A atribuição destes crimes aos judeus tem em comum a ideia de que eles conspiravam contra a cristandade e, como tal, deveriam ser eliminados.

Na sua essência, o mito de que “os judeus mataram Cristo” tem suas raízes nas interpretações dos Evangelhos pelos eruditos cristãos, que irão instigar o ódio e a violência através das suas pregações. Ao longo de séculos, esta mentira circulou através dos catecismos católicos, dos sermões, dos manuais inquisitoriais, de uma rica iconografia, dos verbetes enciclopédicos, dos textos de dramaturgia, crônicas jornalísticas, literatura de cordel, charges políticas e pelos conhecimentos “úteis” divulgados pelas revistas ilustradas e almanaques. Inúmeros manuais (laicos, pastorais e clérigos), periódicos católicos e protestantes colaboraram para afirmar o conceito de *crime deicida* (matador de D’us e, em particular, de Jesus Cristo), apresentado aqui como um mito de longa duração. Tem suas raízes nas polêmicas judaico-cristãs que, do século i ao iv, favoreceram o distanciamento entre o Cristianismo e o Judaísmo, sendo constantemente revitalizado por novas imagens mentais e visuais.

Este tema já foi profundamente analisado por vários estudiosos, cujas obras são referências para compreendermos o processo de construção do *mito do ju-*

deu deicida, a persistência e a interferência deste mito na mentalidade e nos comportamentos sociais desde o Medievo aos dias atuais. Dentre os historiadores cumpre consultar Jules Isaac, Léon Poliakov, Cecil Roth, Robert M. Seltzer, Edward Flannery, Joshua Trachtenberg e Sérgio Alberto Feldman¹. No seu conjunto, estes estudos colocam em evidência dois fatores que contribuíram para a persistência do *crime de deicismo*: o crescente processo de *desjudaização* do Cristianismo e a construção de uma narrativa acusatória por parte dos cristãos interessados em apontar um culpado pela crucificação de Jesus Cristo.

Para compreendermos este processo, que culminou com a demonização dos judeus enquanto símbolo do Mal, convém recuarmos no tempo em busca da gênese deste mito. As primeiras ideias antijudaicas

-
1. Sobre este tema ver: Jules Isaac, *Las Raíces Cristianas del Antisemitismo*, Buenos Aires, Paidós, 1966; Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, São Paulo, Fundação Fritz Pinkuss CIP, 1963, vol. 2; Léon Poliakov, *De Cristo aos Judeus da Corte*, tradução Jair Korn e Jacó Guinsburg, São Paulo, Perspectiva, 1979; Robert M. Seltzer, *Povo Judeu, Pensamento Judaico*, Rio de Janeiro, A. Koogan, 1990, 2 volumes; Joshua Trachtenberg, *El Diablo y los Judios. La Concepción Medieval del Judío y su Relación con el Antisemitismo Moderno*, Buenos Aires, Paidós, 1975; Sérgio Alberto Feldman, “Deicida e Aliado: O Judeu na Patrística”, em *Academia.edu*. http://www.academia.edu/1375074/Deicida_e_aliado_do_demonio_o_judeu_na_Patrística; Edward Flannery, *A Angústia dos Judeus: História do Antisemitismo*, tradução Olga Biar Laino, São Paulo, Ibrasa, 1968.